

Kierkegaard e Dostoiévski: a Primazia do Indivíduo e a Nova Religiosidade¹

Kierkegaard and Dostoevsky: the Primacy of the Individual and the New Religiosity

*Eduardo Armaroli Noguchi**

Resumo

Este texto tem o objetivo de traçar um paralelo entre dois autores que, apesar de não serem tradicionalmente considerados filósofos, influenciaram de maneira decisiva a filosofia contemporânea: Kierkegaard e Dostoiévski. A ideia é destacar como ambos concentram o foco de suas obras na questão do indivíduo, nos paradoxos trágicos da existência. O tema central, sempre pressuposto em suas análises, é a radicalidade da liberdade humana. A partir deste núcleo comum, será possível apontar as diferenças na forma como eles tratam a dinâmica do homem na história. Mas, por fim, a religião surge como um último ponto de aproximação entre os autores, que tentam demarcar os contornos de uma religiosidade renovada.

Palavras-chave: *Dostoiévski; Kierkegaard; Filosofia da Religião.*

Abstract

This paper aims to draw a parallel between two authors who, although not traditionally considered philosophers, influenced decisively contemporary philosophy: Kierkegaard and Dostoevsky. The idea is to highlight how

¹ Recebido em 25/08/2011. Aprovado em 19/09/2011.

* Doutor em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: eduardoarmaroli@gmail.com

both concentrated the focus of their works on the question of the individual, the tragic paradoxes of existence. The central theme, always been assumed in their analysis, is the radical nature of human freedom. From this common core, you can point out the differences in how they treat the dynamics of man in history. But, finally, religion emerges as a last point of approach between the authors, who try to demarcate the outlines of a renewed religiosity.

Keywords: *Dostoiévsky; Kierkegaard; Philosophy of Religion.*

Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski e Soren Kierkegaard foram contemporâneos e suas obras expressam o panorama de crise iminente que marcou a segunda metade o século XIX. Para um exame mais profundo a semelhança entre suas ideias é surpreendente, principalmente suas concepções antropológicas. No âmbito da discussão filosófica, pode-se dizer que os dois autores combatem uma mesma perspectiva totalitária de pensamento, concretizada e consagrada na obra de Hegel.²

A pretensão maior da filosofia hegeliana era ser o sistema definitivo da realidade, a autoconsciência total daquilo que foi chamado *Espírito Absoluto*. A História seria o desenvolvimento necessário, segundo leis dialéticas, do espírito: o real é o racional e o racional é o real. Neste cenário, a verdade final torna-se uma espécie de Universal autoconsciente e a individualidade não passa de um momento que deve ser dialeticamente superado.

Contra este ideal totalitário de filosofia, tanto Kierkegaard quanto Dostoiévski voltaram sua atenção para o *indivíduo* e para a *diferença radical* que separa a singularidade da existência de qualquer forma de transcendência abstrata. O individual

² Este diálogo constante com Hegel é mais visível em Kierkegaard. Dostoiévski dialoga com inúmeras correntes filosóficas, mas é preciso ressaltar que a filosofia hegeliana teve enorme influência na intelectualidade russa e que o caminho seguido pelo pensamento de Dostoiévski, principalmente sua visão da liberdade humana, tende a apresentar uma concepção de História que constata o fracasso das pretensões totalizantes de Hegel. É neste sentido que se pode dizer, como o faz Pierre LAMBLÉ em seu *Les fondements du système philosophique de Dostoiévski*, que o diálogo com Hegel é central em Dostoiévski. Pierre LAMBLÉ. *La métaphysique de l'Histoire de Dostoiévski. [La philosophie de Dostoiévski, tome 2]. Essai de Littérature e Philosophie Comparée*, p. 120.

torna-se a realidade concreta do pensamento. Em sua *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, Thomas Ranson Gilles expressa o desafio que Kierkegaard assumiu para si:

Todas as formas de especulação supostamente ‘imparciais’, não obstante o seu aparente rigor e seu pretenso heroísmo sublime, bem longe de serem tudo isso, não são mais do que uma espécie de desumana curiosidade. Ousarmos ser nós próprios, ousarmos ser indivíduos, não um qualquer, mas este que somos, só em face de Deus, isolado na imensidade do esforço e da responsabilidade, é este o desafio do existencialismo kirkegaardiano.³

Desta forma, Kierkegaard estabelece o caráter *a priori* da individualidade, pois toda e qualquer pessoa é uma *exceção*, incomensurável a qualquer sistema de pensamento. Por isso, seus livros se dirigem diretamente para cada leitor, no singular. No final de *A Repetição*, o tom da última carta é extremamente pessoal, demonstrando que chegou o momento de “ficarmos a sós”: “Perdoe-me dirigir-me a você com tanta familiaridade, mas estamos, afinal de contas, *unter uns*. Ainda que você seja, na verdade, fictício, você não é, de forma alguma, uma pluralidade para mim, mas apenas um, e, portanto, aqui estamos a sós, você e eu”.⁴ A individualidade é o anticonceito, a ironia: “Como toda filosofia inicia pela dúvida, assim também inicia pela ironia toda vida que se chamará digna do homem”.⁵

Dostoiévski também foi um crítico incansável do ideal de sistematização da filosofia, tão comum entre os pensadores modernos. Em seus romances as ideias filosóficas somente mostram todo seu sentido ao serem concretizadas existencialmente, nas contradições insolúveis que assolam seus personagens. Assim, o foco de seus livros é o indivíduo em luta com as *malditas questões eternas*.⁶ Nikolai Berdiaev explicita toda a complexidade do papel das ideias na obra de Dostoiévski:

³ Thomas Ranson GILLES. *História do Existencialismo e da fenomenologia*, p. 11.

⁴ Søren KIERKEGAARD. *A Repetição*, p. 75.

⁵ Søren KIERKEGAARD. *O Conceito de Ironia. Constantemente referido a Sócrates*, p.19.

⁶ Nikolai, BERDIAEV. *O Espírito de Dostoiévski*, p. 7.

...sua obra inteira é a solução de um vasto problema de ideias. O herói de *Memórias do Subsolo* é uma ideia; Raskólnikov é uma ideia; uma ideia, Stavroguin; Kirilov, Chatov, Verkhovenski – ideias. Ivã Karamázov é uma ideia. Todos estes heróis são, ao pé da letra, devorados pelas ideias. Falam tão somente para desenvolver sua dialética ideológica. Tudo se movimenta ao redor destas ‘malditas questões eternas’. Isso contudo não significa que Dostoiévski escreveu seus romances como teses, para propagar esta ou aquela ideia. As ideias são imanentes à sua arte: ele descobre sua existência de um modo artístico [...] Dostoiévski concebe ideias originais, mas as concebe sempre em movimento, dinâmicas, em seu destino trágico.⁷

Os heróis de Dostoiévski são *ideias personificadas*, levadas ao radicalismo que as questões cruciais da existência merecem. Em *Memórias do Subsolo*, o personagem do subsolo esclarece esta perspectiva, que será uma marca dos escritos dostoiévskianos: “no que se refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousaste levar até a metade sequer, e ainda tomaste a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos”.⁸ A filosofia apenas tem valor por seus efeitos na vida, por seu potencial de transformar o homem.

É importante ressaltar que estes argumentos não parecem apoiar a opinião que foi muitas vezes propagada, sobre ambos os autores, acusando-os de subjetivismo radical e de mergulho no irracionalismo. Longe disso, o que eles parecem propor é uma tomada de consciência da tensão irreconciliável entre o individual e o universal e os perigos da absolutização de qualquer um dos polos.⁹

⁷ Ibidem.

⁸ Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Memórias do Subsolo*, p. 146.

⁹ Uma profícua via de pesquisa seria examinar a forma como ambos os autores criticam o idealismo. Se em *O Banquete* Kierkegaard mostra, através de uma paródia da obra de Platão, uma descida do ideal absoluto de beleza até uma visão utilitarista-sensualista, em Dostoiévski estas tortuosidades na evolução das ideias também constituem uma forte chave de leitura. A disputa entre gerações retratada em *Os Demônios* exprime justamente esta evolução. As palavras de Stiepan Trofimovitch, velho intelectual que simboliza a decadência de toda uma época, resumem o que quero dizer: “É a nossa mesma ideia, justamente a nossa; fomos nós que a plantamos, que a fizemos crescer, que a preparamos – então, o que eles poderiam dizer de novo depois de nós? Oh, Deus, como tudo isso está expresso, deturpado, estropiado! [...] Era a essas conclusões que nós visávamos? Quem pode identificar aí o sentido inicial?”. O que Stiepan lamenta é ver que seus mais acalentados ideais deram origem a todo cinismo e depravação de seu filho niilista. Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Os Demônios*, p. 301.

Nesta perspectiva, o objetivo imediato para ambos os autores é pensar a liberdade humana. Em Dostoiévski este tema constitui um dos eixos principais de sua obra. Nikolai Berdiaev diz que a liberdade é a “chave que domina toda sua filosofia” (de Dostoiévski).¹⁰ Também Paul Evdokimov está de acordo com esta visão:

O assunto principal de Dostoiévski é sua resposta à questão: o que é o homem? O homem é uma personalidade, o que quer dizer que ele é único e eterno porque é um filho do Amor e da Liberdade. Se os romances de Dostoiévski são repletos de conflitos, de escândalos, de crimes [...] é porque os heróis desejam sempre fazer entender uma mensagem particular.¹¹

A obra de Dostoiévski acentua este caráter irredutível da liberdade, a radical indeterminação que acompanha as ações humanas. Para o homem do subsolo, esta é a maior vantagem que o ser humano pode almejar, acima de qualquer ideal de felicidade ou riqueza:

Uma vantagem que seja nossa, livre, um capricho nosso, ainda que dos mais absurdos, nossa própria imaginação, mesmo quando excitada até a loucura — tudo isto constitui aquela vantagem das vantagens que deixei de citar, que não se enquadra em nenhuma classificação, e devido à qual todos os sistemas e teorias se desmancham continuamente, com todos os diabos. E de onde concluíram todos esses sabichões que o homem precisa de não sei que vontade normal, virtuosa? Como foi que imaginaram que ele, obrigatoriamente, precisa de uma vontade sensata, vantajosa? O homem precisa unicamente de uma vontade independente, custe o que custar essa independência e leve aonde levar. Bem, o diabo sabe o que é essa vontade...¹²

¹⁰ Nikolai BERDIAEV. *O Espírito de Dostoiévski*, p. 75.

¹¹ Paul EVDOKIMOV. *Dostoiévsky et le problème du mal*, pp. 139-140. “C’est là le sujet central de Dostoiévsky, sa réponse à la question: Qu’est-ce que l’homme? L’homme est avant une personne, cela veut dire qu’il est unique e eternal, car il est un enfant libre de l’Amour et de la Liberté. Si les romans de Dostoiévsky sont remplis de conflits, de scandales, de crimes [...] c’est parce les heros désirent toujours faire entendre un message particulier”.

¹² Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Memórias do Subsolo*, p. 39.

Também o pensamento de Kierkegaard aponta nesta direção. Em *O Conceito de Angústia*, ele diz que o sentimento de angústia surge a partir de uma vertigem do espírito que vislumbra sua liberdade: "... a angústia é a realidade da liberdade como puro possível".¹³ Desta forma, contrariando o determinismo hegeliano, para Kierkegaard a liberdade individual ocupa o lugar primordial na abertura das possibilidades que constituem o mundo histórico, aquilo que ele chama "o aumento quantitativo da pecabilidade".¹⁴ O famoso salto qualitativo apenas faz sentido pressupondo a liberdade, pois, se não há liberdade, não há salto e sim progressão dialética. Thomas Ranson Gilles esclarece a relação entre estes três elementos, a angústia, a liberdade e o salto:

Esta é a angústia, vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar o espírito estabelecer-se a síntese, a liberdade imerge e olha no abismo das suas possibilidades e agarra-se a finitude para não soçobrar. Em tal vertigem a liberdade se levanta, acha-se culpada. Entre esses dois momentos é que se verifica o salto, não explicado e sem explicação por qualquer das ciências. Para o homem tornado culpado na angústia, a culpabilidade é a realidade mais ambígua que se pode supor. Porém, a angústia é concomitantemente a coisa mais profundamente pessoal e nenhuma manifestação real da liberdade se mostra tão zelosa do 'eu' como a possibilidade de uma concreção.¹⁵

Chegamos ao ponto em que a liberdade radical do indivíduo abre as infinitas possibilidades históricas. Para Dostoiévski, os caminhos tomados por esta abertura são muitas vezes trágicos. Como é visível na saga de Raskólnikov, de Stavróguim, de Ivã Karamázov e outros, o fenômeno do niilismo surge como uma filosofia da negação absoluta e da divinização da vontade de poder. A liberdade revela-se um "fardo terrível" para o homem, a fonte das maiores arbitrariedades, pois ela é o que "há de mais estranho, de mais enigmático, de mais indeterminado", aquilo

¹³ Søren KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*, p. 45.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Thomas Ranson GILLES. *Op. Cit.*, p. 48.

que ultrapassa totalmente as “forças humanas”.¹⁶ Nasce então a pretensão do Grande Inquisidor em *Os Irmãos Karamázov*: reorganizar totalmente o mundo, segundo critérios puramente racionais. Desta forma, paradoxalmente, a radicalidade da liberdade termina por fundamentar uma nova perspectiva totalitária de filosofia. O personagem de Chigáliov, teórico do grupo radical em *Os Demônios*, formula de maneira lapidar este paradoxo: “Enredei-me nos meus próprios dados, e minha conclusão está em franca contradição com a ideia inicial da qual eu parto. Partindo da liberdade ilimitada, chego ao despotismo ilimitado”.¹⁷ Ao contrário do que pensavam os teóricos da Revolução Francesa, Dostoiévski sabe que a liberdade é incompatível com a igualdade. O grande gênio do mal na trama de *Os Demônios*, Piotr Verkhoviénski, exprime a essência do pensamento de Chigalióv:

Cada um pertence a todos e todos a cada um. Todos são escravos e iguais na escravidão. Nos casos extremos recorre-se à calúnia e ao assassinato, mas o principal é a igualdade. A primeira coisa que fazem é rebaixar o nível da educação, das ciências e dos talentos. O nível elevado das ciências e das aptidões só é acessível aos talentos superiores, e os talentos superiores são dispensáveis! Os talentos superiores sempre tomaram o poder e foram déspotas, sempre trouxeram mais depravação do que utilidade; eles serão expulsos ou executados. A um Cícero corta-se a língua, a um Copérnico furam-se os olhos, um Shakespeare mata-se a pedradas – eis o chigaliovismo.¹⁸

Neste ponto, parece que os autores começam a se distanciar. A análise que Kierkegaard faz da liberdade é visivelmente menos trágica que a de Dostoiévski. A liberdade é o que está por trás das chamadas esferas da existência, ela é sempre pressuposta por Kierkegaard. Mas o autor dinamarquês parece ter uma visão menos apocalíptica da realidade: ele pensa estágios e tenta demarcar

¹⁶ Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Os Irmãos Karamázov*. In: *Obras Completas*, p. 656.

¹⁷ Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Os Demônios*, p. 391.

¹⁸ Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Os Demônios*, p. 407.

fronteiras. Já Dostoiévski se concentra quase exclusivamente nos extremos, nos momentos de ruptura e decisão. Por isso os crimes estão sempre presentes em suas obras, desde *Crime e Castigo* até *Os Irmãos Karamázov*. Mas é preciso ressaltar que também em Kierkegaard o caminho do autodescobrimento é trágico, tanto que ele trabalha com categorias como angústia e desespero. No entanto, me arrisco a assinalar que Dostoiévski dá um maior acento ao caráter histórico dessa liberdade em seu dramático percurso marcado pela violência. É nesse momento que se abre a necessidade do religioso.

A religiosidade surge em Dostoiévski como uma necessidade última do humano. Para vasta galeria de revoltados que povoam seus romances, a fé religiosa é fruto de um caminho de sofrimento e autodescobrimento. O homem deve encontrar Deus passando pela prova da liberdade, pela “fornalha de dúvidas”, como Dostoiévski costumava dizer. Numa carta escrita logo após ser libertado dos trabalhos forçados na Sibéria, ele expressa claramente toda a complexidade de sua fé: “Confesso que sou uma criança mesmo com a minha idade, um filho da descrença e do ceticismo e, provavelmente [...] serei assim até o fim da minha vida. Quanto tudo isso tem me atormentado (e até hoje perturba) – essa nostalgia da fé, que é ainda maior por conta das provas que tenho contra ela; ainda assim, Deus me dá por vezes momentos de perfeita paz”.¹⁹ Para Dostoiévski o bem nunca pode ser impositivo, seu único argumento frente ao mal é mostrar-se como uma alternativa que não leva à destruição dos outros e de si. Em *Os Irmãos Karamázov*, este é o sentido do silêncio do Cristo diante da filosofia totalitária do Grande Inquisidor.

O sagrado em Dostoiévski é um mistério encerrado no coração do humano, na essência irracional da liberdade. É a liberdade que impede que o homem degenera em escravidão, conservando sua independência e a possibilidade de escolha entre o bem e o mal. Assim, o humano é o foco onde a luta essencial é travada, onde se materializa o momento crucial da *decisão*. Por

¹⁹ Fiódor DOSTOIÉVSKI. *Correspondências: 1838-1881*, p. 78.

isso, o pensamento de Dostoiévski se direciona para o futuro e não mais para qualquer ideia metafísica de fundamento. Em seu estudo sobre o romancista, Pierre Lamblé destaca que é inteiramente possível encontrar uma explicação materialista da natureza na obra de Dostoiévski. Isto porque a sua metafísica apenas surge a partir da experiência radical da liberdade, que abre o mundo histórico.²⁰

Neste ponto, Kierkegaard parece estar novamente muito próximo de Dostoiévski. Ele também ressalta, em *Temor e Tremor*, o caráter último do religioso como uma zona onde toda existência é reapropriada em nova perspectiva. Assim, o religioso não deve ser superado, como pensava Hegel, nem é um sentimento imediato, como pensava Scheleimacher, mas constitui-se como um salto no escuro, na incomensurabilidade do paradoxo. Este é o sentido da fé de Abraão, que se coloca corajosamente frente ao absurdo de seu destino ultrapassando toda restrição moral. O religioso é a consumação do humano e dá origem a uma nova existência, reconfigurada. Abraão reencontra Isaac: “Resignou-se infinitamente a tudo para tudo recuperar pelo absurdo”.²¹ E abre-se uma metafísica não mais da reminiscência, mas da repetição, ou seja, direcionada para o futuro:

A repetição e a reminiscência são o mesmo movimento, mas em direções opostas, pois o que é lembrado já foi, e é repetido em retrocesso. Enquanto que a genuína repetição é lembrada para adiante. A repetição portanto, se ela é possível, torna a pessoa feliz, enquanto que a reminiscência a faz infeliz. Assumindo, é claro, que ele dê a si mesmo tempo para viver e não encontre uma desculpa no nascimento para fugir da vida novamente, como se tivesse se esquecido de algo.²²

Vemos assim que diferentemente de Hegel, onde a filosofia era o saber superior, em nossos autores o objetivo humano direciona-se para o religioso. *E esta esfera é concebida, a*

²⁰ Pierre LAMBLÉ. *Op. Cit.*, p. 299.

²¹ Søren KIERKEGAARD. *Temor e Tremor*, p. 277.

²² Søren KIERKEGAARD. *A Repetição*, p. 4.

meu ver em ambos os autores, como uma maneira crítica de colocar-se como indivíduo frente ao paradoxo incomensurável da existência. O indivíduo acima do geral vislumbra todas as possibilidades do mundo, do demoníaco ao divino. O religioso é um assunto de solidão, de busca através da realidade absurda.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BERDIAEV, Nikolai. *O Espírito de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Panamericana, 1921.

BERLIN, Isahia. *Os pensadores russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, s/d.

_____. *Memórias do Subsolo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. *Crime e Castigo*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. *O Idiota*. São Paulo: Ed.34, 2001.

_____. *Os Demônios*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

EVDOKIMOV, Paul. *Dostoievsky et le problème du mal*. Paris: Desclée De Brower, 1978.

FRANK, Josef. *Pelo Prisma Russo*. São Paulo: Edusp,1992.

_____. *Dostoiévski: as sementes da revolta, 1821 -1849*. São Paulo: Edusp,1999.

_____. *Dostoiévski: os anos de provação, 1850 - 1859*. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. *Dostoiévski: os efeitos da libertação, 1860 - 1865*. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. *Dostoiévski: os anos milagrosos, 1865 - 1871*. São Paulo: Edusp, 2003.

GILLES, Thomas Ranson. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EPU – Ed. da Universidade de São Paulo, 1971.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A Palavra e o Silêncio*. Kierkegaard e a relação dialética entre razão e fé em *Temor e Tremor*. São Paulo: Editora Custom, 2002.

KIERKEGAARD, Søren. *O Conceito de Ironia. Constantemente referido a Sócrates*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *O Conceito de Angústia*. São Paulo: Hemus, 1968.

_____. *Temor e Tremor*. Os Pensadores. São Paulo. Nova Cultural, 1979.

_____. *A Repetição*. Tradução de Ricardo Quadros Gouvêa. [Tradução no prelo]

LARANGÉ, Daniel S. *Recit e foi chez Fedor M. Dostoievski. Contribution narratologique et théologique aux "Notes d'un souterrain" (1964)*. Paris: L'Harmattan, 2002.

LAMBLÉ, Pierre. *Les fondements du système philosophique de Dostoievski (La philosophie de Dostoievski). Essai de Littérature e Philosophie Comparée*. 2 volumes. Paris: L'Harmattan, 2001.

PONDÉ, Luís Felipe. *Crítica e Profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Dostoiévski. Prosa e Poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

